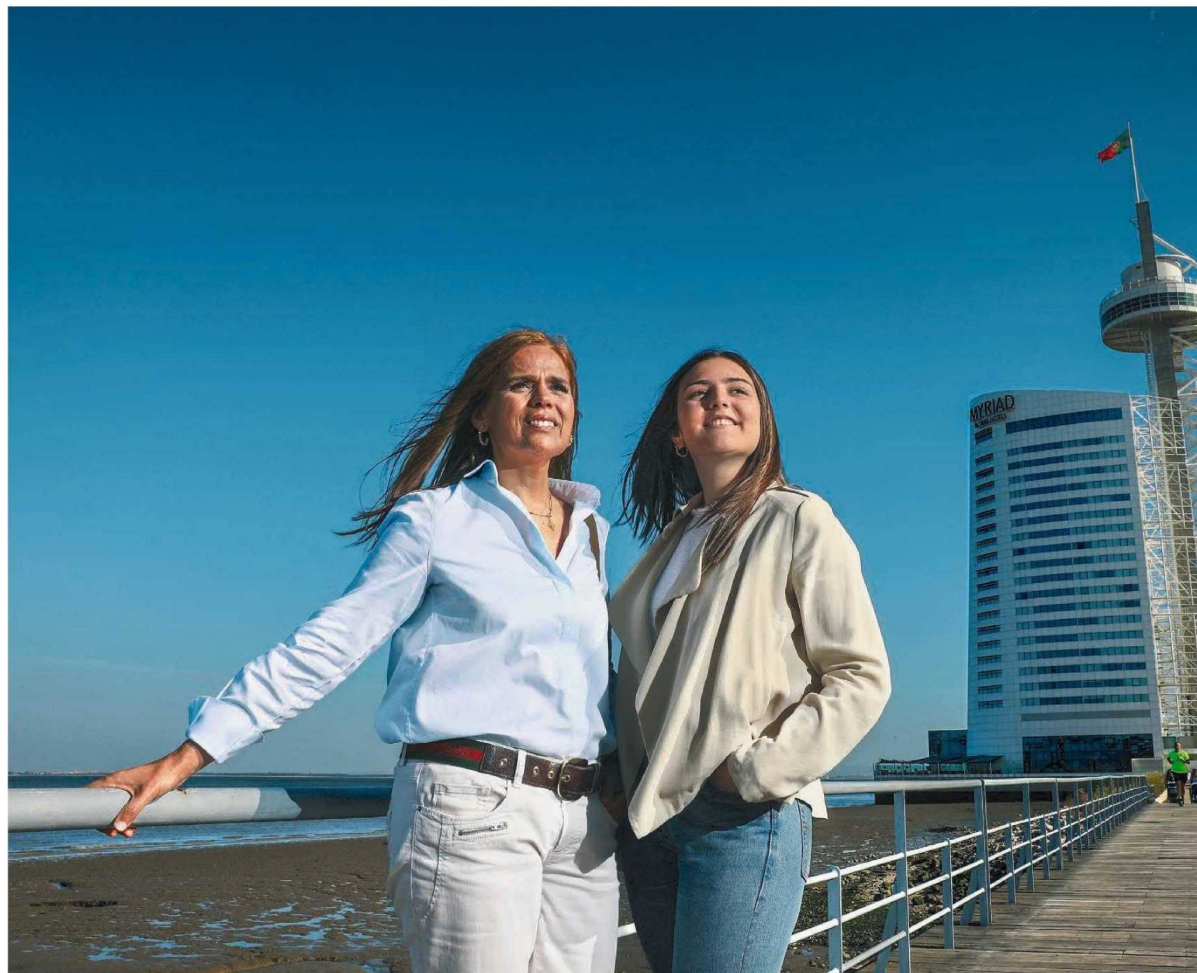


20 ANOS DA EXPO-98



Parque das Nações Vinte anos depois da exposição internacional, a nova zona de Lisboa atraiu 31 mil moradores e criou 30 mil empregos

A cidade feliz

Textos **VIRGÍLIO AZEVEDO**
Fotos **NUNO BOTELHO**

Não me imagino a viver noutro sítio em Lisboa", confessa Maria da Conceição Castro. A sua casa fica numa rua com um nome atraente e acolhedor, Ilha dos Amores, muito perto da Torre Vasco da Gama, num bloco de apartamentos de varandas amplas, com uma vista generosa para o estuário do Tejo. É a paixão pelo bairro onde vive e onde criou amizades com os vizinhos é partilhada pela sua filha Inês, de 19 anos. "Adoro morar nesta zona, sinto o Parque das Nações como se fosse uma vila por causa da tranquilidade, da proximidade de tudo. O meu grupo de amigos também mora aqui, demoro cinco minutos a chegar a casa deles, são amigos de infância, desde a escola básica, e hoje continuo a dar-me muito com todos."

Maria Castro estava grávida da Inês quando visitou a Expo-98. Tinha comprado ainda antes da abertura da grande exposição internacional dos oceanos (22 de maio de 1998) um dos primeiros apartamentos construídos no local. Nessa altura vivia no Luxemburgo, onde era funcionária do Tribunal de Justiça da União Europeia. E quando vinha a Lisboa ficava sempre na sua nova casa. Em 2006 regressou definitivamente a Portugal. "O melhor do Parque das Nações é o Tejo, que traz serenidade, calma. Quando venho do emprego e chego aqui parece que estou sempre de férias, apesar de muitas vezes trazer trabalho para casa, mas só o facto de ver o rio da minha janela muda tudo", admite ao Expresso a advogada, que

é consultora jurídica na Assembleia da República.

"Como sou de Coimbra, nunca me deixei cativar completamente por Lisboa", recorda. "Mas ao ter de regressar do Luxemburgo sozinha com a minha filha por motivos familiares, fiquei na capital porque tinha uma casa no Parque das Nações, e foi aqui que recomencei a minha vida." O Parque, onde hoje moram 31 mil pessoas, "é uma cidade dentro da cidade, onde há uma oferta de tudo: escolas, farmácias, hospital, lojas, centro comercial, cinemas, teatro, cultura, lazer. E não é só oferta comercial e material, porque quem é católico tem uma paróquia recente, de Nossa Senhora dos Navegantes, uma igreja moderníssima e dinâmica que contribui também muito para o espírito de bairro, de comunidade". A paróquia organiza todos os anos o arraial de Santo António, à semelhança dos bairros históricos.

No melhor aquário do mundo

"Parabéns, gostámos muito do Oceanário porque até agora só tínhamos visitado em Lisboa coisas do século XVI", dizia há poucos dias com um largo sorriso uma turista americana, ao felicitar Núria Baylina. A bióloga, 47 anos, que atravessa diariamente a Ponte Vasco da Gama para chegar ao Parque das Nações porque mora em Alcochete, tem feito quase toda a sua carreira no segundo equipamento cultural mais visitado da capital depois do Castelo de São Jorge. E hoje é curadora e diretora de conservação do melhor aquário do mundo, segundo o ranking do TripAdvisor de 2017, onde dirige uma equipa de 32 pessoas.

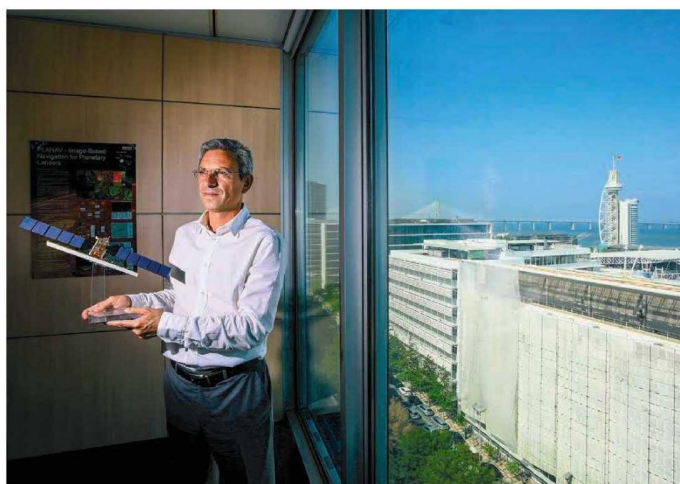
"É a carreira com que sempre sonhei. Desde muito pequena que queria fazer qualquer coisa relacionada com o mar", lembra a bióloga. Fez a licen-

ciatura em Ciências do Meio Aquático no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (Porto) em 1993, quando já se sabia que a Expo-98 iria acontecer. Por isso concorreu a uma bolsa europeia e fez um estágio de seis meses no Aquário de Génova. "Essa experiência foi fundamental para, mais tarde, ter lugar no primeiro grupo de pessoas selecionadas para trabalhar no Oceanário", conta Núria Baylina.

"Quando entrei no Oceanário ainda estava em construção, havia apenas três tanques e meia dúzia de peixes", assinala a bióloga. "E quando a Expo-98 foi inaugurada, conseguimos ter todos os aquários expositivos abertos." Começou a acompanhar os sistemas de suporte de vida dos aquários, a receção dos animais, a adaptação e transferência para os aquários de exposição, e acabou por ser nomeada responsável pela área da quarentena. Lidar "com novas espécies e novas situações, trabalhar com animais vivos, tem sempre imprevistos, o que torna esta tarefa fascinante", afirma a diretora de conservação.

Núria Baylina é hoje responsável pela biologia, exposição, quarentena, laboratórios de qualidade da água, ve-

"ADORO VIVER AQUI, SINTO O PARQUE COMO SE FOSSE UMA VILA E SÃO DAQUI OS MEUS AMIGOS DE INFÂNCIA. DEMORO 5 MINUTOS A CHEGAR A CASA DELES"



terinária e gestão da coleção de todos os seres vivos do Oceanário de Lisboa. "São 500 espécies animais e vegetais e oito mil organismos, que foram vistos por 1,3 milhões de pessoas em 2017, e o nosso objetivo é que os animais se sintam bem, que todos os aquários tenham elevada qualidade. Escolhemos as espécies pensando na sua função, isto é, pensando no que temos de mostrar ao público para que passe a mensagem ligada à conservação das espécies e dos ecossistemas, de que os animais marinhos têm de continuar a existir na Natureza." E que isso depende do modo como vivemos.

"O nosso público tem de transformar esta mensagem em ações do dia a dia, porque senão o nosso trabalho no Oceanário não faz sentido", argumenta a bióloga. Agora que está adiantada a atividade de manutenção das espécies marinhas, chegou a hora "de começar a trabalhar em programas de reprodução e de sustentabilidade". E também "da ligação mais direta ao meio natural, desenvolvendo projetos de conservação com as universidades". Por isso, o Oceanário está a cooperar com quase todos os centros de investigação nacionais ligados ao mar.

Da incubadora para o espaço

Nuno Ávila era investigador no Instituto Superior Técnico (IST) quando o seu tio, arquiteto paisagista numa empresa de construção de espaços verdes, lhe telefonou afluente na véspera da abertura da Expo-98 a pedir ajuda para uma tarefa urgente: espalhar graxilha na rotunda em frente à Gare do Oriente, na entrada principal da exposição. Mal sabia o segundo engenheiro aeroespacial formado no IST, hoje com 44 anos, que mais tarde estaria a trabalhar no Parque das Nações. Passou pela empresa Heliportugal,

fez um mestrado no IST e entrou para a Deimos Engenharia em 2002, onde agora é diretor-geral. Tudo começou numa incubadora de empresas na Lisspólis, o Polo Tecnológico de Lisboa. "Éramos oito pessoas mas já se afigurava que íamos crescer, porque estávamos num setor muito promissor: a indústria espacial", reconhece Nuno Ávila. Foi nessa dinâmica de rápido crescimento que a Deimos Engenharia se mudou em 2005 para o 10º andar da Torre Zen na avenida D. João II, onde se concentra a maioria das empresas do Parque das Nações. Código postal: 1998...

"O Parque tinha condições muito favoráveis para atrair empresas", constata o engenheiro aeroespacial. "Os preços de aluguer de escritórios eram muito atrativos, havia mais oferta do que procura, bom estacionamento, metro e comboio, e estávamos muito perto do aeroporto, uma vantagem competitiva porque viajamos muito na Europa, os nossos clientes são principalmente europeus, e vamos com frequência a Madrid à sede da empresa-mãe, a Elecnor Deimos."

A Deimos Engenharia "cresceu cinco vezes desde que chegou ao Parque

das Nações", fatura €4,5 milhões por ano, exporta para todo o mundo e tem 50 pessoas — 15% doutoradas —, mais 10 estagiários e alunos de mestrado. São físicos, matemáticos, biomédicos e engenheiros aeroespaciais, de software, eletrotécnicos e do ambiente "que trabalham na conceção e desenvolvimento de sistemas espaciais", como o sistema de calibração de imagens de radar do satélite europeu Sentinel-1 de observação da Terra, os processadores de altimetria do Sentinel-3 ou a cadeia de processamento de dados do satélite SMOS da Agência Espacial Europeia, "que mede a salinidade do mar e a humidade da Terra para percebermos melhor as alterações climáticas à escala global", explica Nuno Ávila. Agora a Deimos acaba de fechar um contrato para o sistema de controlo orbital do futuro satélite brasileiro Amazônia-1.

Falta de equipamentos públicos

"As empresas e os moradores são exigentes, o seu nível de satisfação é elevado, mas obviamente que há muita coisa para melhorar", considera Mário Patrício. O presidente da Junta de Freguesia do Parque das Nações diz que "este território foi sempre pensado na perspectiva do sector privado e ainda hoje há falta de equipamentos públicos, de creches, espaços desportivos para crianças, escolas do ensino básico, escola secundária ou Centro de Saúde". Neste momento "está a ser feito o projeto de duas Unidades de Saúde Familiar para 15,600 pessoas cada uma", revela o autarca.

"É um projeto adiado, a maior falha do Parque das Nações", critica Maria da Conceição Castro. "É verdade que moramos numa zona muitíssimo agradável para viver, mas isto não é o paraíso na Terra. E é lamentável, quase surreal, não termos um Centro

Maria Castro e a filha Inês, que cresceu no Parque das Nações, adoram viver num apartamento com vista para o Tejo perto da Torre Vasco da Gama. A bióloga Nélia Baylina tem uma carreira de 20 anos no Oceanário de Lisboa, onde é curadora e diretora de conservação. E Nuno Ávila é diretor-geral da empresa aeroespacial Deimos Engenharia, que se expandiu rapidamente e hoje exporta para todo o mundo

de Saúde numa freguesia com 31 mil habitantes, mas apenas nos Olivais." A freguesia tem a população mais jovem do concelho de Lisboa, 38% dos habitantes com licenciatura e 17,2% com o ensino secundário completo. Sem a zona poente, que não foi ocupada pela Expo 98 e acolhe os bairros sociais, o peso dos licenciados sobe para 50,2% na zona norte e 43,3% na zona sul.

"Não sinto necessidade de fugir daqui ao fim de semana como quem vive noutros bairros de Lisboa", diz Inês, filha de Maria Castro, acrescentando que "ao fim de semana vem muita gente de fora passear, correr ou andar de bicicleta, porque este é um espaço de lazer muito atrativo". E confessa: "É um privilégio muito grande para mim morar no Parque das Nações." A mãe insiste que o Parque não é uma ilha separada do resto da cidade, está completamente democratizado, é de todos. "Temos gosto em ver os visitantes usufruírem deste espaço". Não há aqui muros, "há pontes, e acabou por influenciar o desenvolvimento dos bairros envolventes, estando completamente integrado na malha urbana de Lisboa".

vazvedo@expresso.imprensa.pt

PARQUE DAS NAÇÕES

20

anos da Expo 98 celebrados a 22 de maio. O tema da exposição era "Os oceanos: um património para o futuro"

31

mil pessoas moram na freguesia do Parque das Nações, que tem a população mais jovem de Lisboa

5,4

quilómetros quadrados é a área da freguesia criada em 2012, que anexou a norte parte das freguesias de Moscavide e de Sacavém, do concelho de Loures. A frente ribeirinha tem mais de 3 km

30

mil pessoas trabalham no Parque das Nações, onde existe a maior concentração de sedes de empresas do país

14

ícones arquitetónicos marcam o Parque das Nações: Gare do Oriente, Oceanário, Altice Arena, Ponte Vasco da Gama, FIL, Campus da Justiça, Centro Ciência Viva, Torre Vasco da Gama/Hotel Myriad, Torres São Rafael e São Gabriel, Centro Comercial Vasco da Gama, teleférico, Pavilhão de Portugal, Casino Lisboa e Torre Galp

1,3

milhões de pessoas visitaram o Oceanário em 2017. É o segundo equipamento cultural mais procurado de Lisboa depois do Castelo de São Jorge e foi considerado pelo TripAdvisor o melhor aquário do mundo em 2015 e 2017

145

metros de altura tem a Torre Vasco da Gama, o edifício mais alto de Lisboa. Equivale a um edifício de escritórios com 36 pisos ou a um prédio de habitação com 48 pisos

2

infraestruturas têm problemas de viabilização económica: a Marina Parque das Nações e os espaços comerciais da Gare do Oriente

100

milhões de euros poderá ser o impacto na economia portuguesa do festival da Eurovisão realizado no Altice Arena e visto por 300 milhões de pessoas